

VOZES QUE (RE)MONTAM O NORDESTE: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICO-CULTURAL

Voices that (re)create Brazilian Northeast: a historical and cultural trajectory

Ivone Tavares de Lucena*

Resumo: *Através da Análise do Discurso francesa, nosso trabalho tem como objetivo analisar as marcas e valores que sustentam a identidade do Nordeste brasileiro. Tal identidade, uma vez materializada no discurso, nos aparece configurada através da ligação entre linguagem e realidade social, que se faz significar por meio de manifestações como a literatura de cordel, a religiosidade, o folclore, as crenças, a medicina popular, entre outras. Focando o cordel, veremos de que maneira o homem nordestino passa a sujeito de seu discurso, (re)montando sua identidade por meio de objetos simbólicos que constroem sentidos a partir da memória de um povo marcado historicamente por pobreza, exclusão social e seca: pontos que falam e ecoam sempre ao se tratar de /Nordestinidade/, porque vêm pela história, pelo contexto, e para tanto, não pedem licença. O cordel, portanto, será visto com uma manifestação onde quem fala não é o sujeito, mas sua “posição” social, a formação discursiva em que se insere, de modo a fazer valer e fazer significar sua ideologia. Então, a partir do momento em que se dá “voz” a esse*

Abstract: *This article aims at analyzing features and values which support the identity of Brazilian Northeast. Such identity, once materialized in discourse, appears configured through connections between language and social reality, which gets its meaning through cultural manifestations such as ‘cordel’ literature, religious behavior, folklore, beliefs and values, popular medicine, among others. Focusing on ‘cordel’ we see the way northeastern man constitutes the subject of his own discourse, (re)creating his identity by the means of symbolic objects which make sense to the memory of the people historically involved with poverty, social marginalization and drought: aspects that speak volumes about Northeast, as they come unannounced with history and context. ‘Cordel’ is to be seen, therefore, as a manifestation in which who speaks is not the subject, but his/her social position, and discursive formation, as a means to bring meaning and value to ideology. So, from the moment a voice is given to that subject we realize construction and reconstruction, as well as reproduction of chained discourses,*

* Professora da Universidade Federal da Paraíba

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

sujeito, percebemos a montagem e a remontagem, ou seja, a construção e a reprodução de discursos em cadeia, porque são inesgotáveis, porque se ratificam, porque vão além dos limites textuais, concretizando-se através dos limites histórico-simbólico-ideológicos.

Palavras-Chave: *Discurso, Nordeste, Cordel*

once they are inexhaustible, they ratify themselves, they go beyond text limits and are materialized through the historical, symbolic and ideological boundaries.

Key-Words: *Discourse, Northeast, Cordel*

É por meio do discurso que a memória social é construída e cristalizada estando, pois ligada a fatores sociais e históricos que vão perpetuá-la através de acontecimentos históricos numa dada comunidade. O que faz a memória coletiva se manter e repassar para outras gerações são os elementos operadores da memória social tais como livros, imagens, filmes, arquitetura: a cultura. Operadores estes resgatadores de valores, discursos, mitos, crenças que se arquivam no saber cognitivo de sua comunidade e representa a condensação de uma prática social. Nesta ótica, presenciamos um sujeito coletivo que se faz marcar pela historicidade incorporando vozes sociais diversas numa prática discursiva que veicula ideologias as quais se manifestarão a partir de posições enunciativas ocupadas em contextos definidos e diversos. O utilizar-se de formações discursivas a partir de contextos determinados por meio de dadas posições enunciativas pode nos conduzir a marcas identitárias de sujeitos que veiculam, por meio da linguagem, formações ideológicas. Em se tratando do Nordeste do Brasil, há elementos operadores de uma memória social que nos remete à construção de uma identidade do homem do Nordeste que pode ser vista (lida) como "paradigma" identitário a partir da investigação da memória discursiva. Identidade coletiva marcada por valores ideológicos tais como religiosidade, crenças, expressões artísticas, medicina popular, cordel, dentre outras. Caminhando pelas trilhas da Análise do Discurso, analisamos, no emaranhado da construção textual da literatura popular nordestina, as cicatrizes da identidade desta gente, identidade esta inscrita no discurso por um sujeito ideologicamente marcado.

A formação discursiva é o lugar específico da constituição

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

dos sentidos e da identificação do sujeito, já que ela é manifestação, no discurso, da materialidade ideológica. As diferentes formações ideológicas materializam-se nas diferentes formações discursivas, pois a visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Em uma situação de ação específica como na literatura popular nordestina, a materialidade ideológica se faz exteriorizada no discurso segundo as formações discursivas que, por sua vez, está atrelada a "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa" (Foucault, 1986).

É nos discursos que ocorrem os deslocamentos das formações discursivas quando elas se inscrevem no interdiscurso e re-significa, é onde se inaugura um novo sentido e se identifica o sujeito em suas diferentes posições. É no intradiscursos que o sujeito faz articulações entre os objetos com os quais o sujeito-enunciador está relacionado, apropria-se deles fazendo-os objetos de seu discurso. É o que acontece com a Literatura Popular Nordestina, cujos objetos de seus discursos trazem o lugar, a relação de lugares onde se inscrevem as formações discursivas visto que o sujeito falante é interpelado em sujeito de seu discurso. Buscar, na sua memória, os valores do homem do Nordeste faz a identidade dele enquanto sujeito enunciador inscrito numa formação discursiva. É a relação estabelecida entre a formação ideológica e a formação discursiva, que se cruzam no interdiscurso, depende da relação da história de cada sujeito, o que a AD chama de *Historicidade*: o sujeito com sua história, memória e discurso. Portanto, é dessa historicidade que o sujeito deixa marcas, segundo posições que ocupa no seu mundo. É da relação sujeito/mundo que a discursividade materializa o discurso na construção do texto e o sujeito se coloca no discurso utilizando-se de estratégias discursivas para dizer o que quer e é nesse dizer que ele se identifica - na forma-sujeito de "sabedor" de uma determinada formação discursiva que o constitui enquanto sujeito social. Nessa perspectiva, podemos dizer que sujeito e sentido são constituídos numa relação de intimidade porque, ao construir sentidos no seu discurso, ele o faz relacionando-se e identificando-se com uma determinada FD/FI. As palavras utilizadas pelo sujeito, em sua função-autor, assumem os sentidos segundo as posições sustentadas por quem as empregam.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

Pensar a constituição do sentido é pensar a inscrição do sujeito no discurso e pensar o movimento dos sentidos que assegura seu(s) efeito(s). Porque ele está em todos os lugares e se "alça", produzindo-se nas relações entre o sujeito (mutuamente) constituindo discurso(s). E é nesse cenário - no movimento dos sentidos e dos posicionamentos do(s) sujeito(s) - que o sentido se instaura e constitui efeitos, segundo a história, a memória e o discurso e que provém de interpretações oriundas da memória deste sujeito social.

Cogitar sobre um sujeito capaz de fazer interpretações é imaginá-lo diante das várias possibilidades de acessar uma memória discursiva que é constituída de esquecimentos e silêncios: saberes sócio-histórico-ideológicos que se armazenam em cada história e que, no jogo discursivo do ir e vir resgatam sentidos e, na interdiscursividade produzem efeitos e instauram sentidos segundo posições sustentadas por quem produz o texto. Segundo Pêcheux, as palavras, as proposições se restabelecem e se transcodificam de acordo com os sujeitos que as empregam, relacionando-se com saberes e posições - Formações Ideológicas - nas quais tais proposições se inscrevem inaugurando novos sentidos.

O sujeito resgata, através da memória discursiva, os sentidos que estão ditos em outros lugares e que, ao serem retomados e resignificados em seus deslocamentos, constituem identidade do sujeito - o nordestino. O tema da seca, por exemplo, muito presente nas composições da literatura popular nordestina, faz-se presente em grande número de textos de cordel cujos sentidos são recuperados a partir de um contexto sócio-histórico. O cordel é um grande (re)produtor dos valores ideológicos nordestinos e é através dele que buscaremos os traços identitários do homem dessa região, por acreditarmos que ele (re)monta a realidade do Nordeste "literalmente", assim como um retrato de seu contexto sócio-histórico e cultural.

A literatura de Cordel foi trazida para o Nordeste por volta dos séculos XVI e XVII pelos colonos portugueses e ocupa, hoje, um lugar privilegiado na cultura popular da região. Estudá-la é uma forma de adentrar no mundo da cultura nordestina e senti-la mais perto, vivê-la, pelo seu grande poder de representatividade. Sendo assim, o cordel é tido como uma forma de criação e expressão artística feita por poetas populares que reflete e identifica a cultura da região Nordeste.

Para analisar o processo do sujeito-enunciador, que se faz

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

voz no texto selecionado para análise, faz-se necessário levar em consideração as condições de produção do que é dito e a posição enquanto um sujeito histórico e socialmente constituído. Para tanto, é preciso uma atenção especial para o papel da memória nesta produção discursiva. Memória esta que supõe o enunciado inscrito na história e que é retomada conforme circulação de discursos socialmente circulantes.

No que tange à Região Nordeste, é sabido o que enfrenta o homem do sertão, com o fenômeno da seca. Historicamente, o sertanejo convive com a falta d'água e sofre conseqüências degradantes e marcantes que o fazem homem carente, sofrido, batalhador e, sobretudo, corajoso em busca de sua sobrevivência. Isto lhe dá o porte de homem de coragem, portador de dores, mas capaz de ir em busca de saídas que lhe garantam a sobrevivência. Este contexto sócio-histórico constrói uma memória coletiva que é repassada de geração a geração e constrói formações discursivas peculiares a essa realidade. Formações estas que carregam consigo valores, mitos, crenças os quais se arquivam no saber de uma comunidade e se condensa por práticas sociais ressonantes em vozes sociais capazes de identificarem sujeitos ideologicamente marcados por este processo histórico.

O texto de cordel, que se constrói no arquivo cultural do Nordeste, é elemento reprodutor de tais valores porque, nele, a "voz" do homem nordestino se faz ecoar porque, enquanto construção de sentido, reproduz, em desdobramentos e deslocamentos, uma memória sócio-histórica e inscreve sujeitos em um discurso que brada por justiça, por reconhecimento, por mudança. Reproduz gritos de dor da fome, da partida, do abandono. São discursos que se entrecruzam e deixam marcas de religiosidade, crenças, cultura, valores: "paradigmas" capazes de veicular a identidade de um povo que carrega preconceitos socialmente discriminatórios.

Tomando como caminho norteador para encontrar os sentidos que se instauram e se embrenham no texto, buscamos esses suportes teóricos da AD para ir em busca de um sujeito inserido num contexto sócio-histórico que compreende a Região Nordeste com todos os seus saberes: cultura cujo "paradigma" identifica um povo com sua identidade sócio-cultural-ideológica.

Buscamos para essa investigação o **ABC do Nordeste Flagelado** de Patativa do Assaré, grande poeta da região, cujas vozes

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

emergem via um discurso que resgata sentidos e produz efeitos recuperando valores arquivados no saber cognitivo de uma comunidade que representa a condensação de práticas sociais.

O texto que segue para análise concentra o tema da seca e da migração, elementos reprodutores de uma historicidade cristalizada. Estes temas emergem nos discursos do texto escolhido através da materialidade lingüística com significados deslocados. Os fragmentos de discursos, quando reutilizados, quando desdobrados, deslocados, ganham nova configuração semântica porque se inserem em novas condições de produção. Tentamos enxergar, nos versos que se seguem, o enunciador como suporte de ideologia. Ele é, como diz Fiorin (1990: 42), o suporte de discursos, discursos estes que constituem a matéria prima com que elabora seu discurso. Diz Fiorin que o dizer desse enunciador é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social.

Ao pensar que, ao falarmos, tomamos como base o princípio de que estamos nos significando, podemos dizer que o uso da linguagem como ação transformadora constitui identidade(s) porque é necessariamente elemento mediador da interação homem/realidade (natural e social). Assim, podemos enxergar a relação intrínseca entre sujeito e sentido que se instauram concomitantemente, configurando processos de identificação através do discurso.

Vejam os versos nos quais se materializam visões de mundo de sujeitos inseridos em seus lugares sociais e que se identificam como sujeitos a partir da relação estabelecida com suas condições sócio-histórico-ideológicas. Os sentidos que se instauram nos discursos da literatura popular nordestina são determinados pelas condições de produção responsáveis pelo processo discursivo.

ABC do Nordeste Flagelado (Patativa do Assaré)

*A — Ai, como é duro viver
nos Estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover.
É bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro*

*e março também passar,
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro.*

*B — Berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desfigurado e arrasto,*

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

*com o olhar de penitente;
o fazendeiro, descrente,
um jeito não pode dar,
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar.*

*C — Caminhando pelo espaço,
como os trapos de um lençol,
pras bandas do pôr do sol,
as nuvens vão em fracasso:
aqui e ali um pedaço
vagando... sempre vagando,
quem estiver reparando
faz logo a comparação
de umas pastas de algodão
que o vento vai carregando.*

*D — De manhã, bem de
manhã,
vem da montanha um agouro
de gargalhada e de choro
da feia e triste cauã:
um bando de ribançã
pelo espaço a se perder,
pra de fome não morrer,
vai atrás de outro lugar,
e ali só há de voltar,
um dia, quando chover.*

*E — Em tudo se vê mudança
quem repara vê até
que o camaleão que é
verde da cor da esperança,
com o flagelo que avança,
muda logo de feição.
O verde camaleão
perde a sua cor bonita
fica de forma esquisita*

que causa admiração.

*F — Foge o prazer da floresta
o bonito sabiá,
quando flagelo não há
cantando se manifesta.
Durante o inverno faz festa
gorjeando por esporte,
mas não chovendo é sem sorte,
fica sem graça e calado
o cantor mais afamado
dos passarinhos do norte.*

*G — Geme de dor, se
aquebranta
e dali desaparece,
o sabiá só parece
que com a seca se encanta.
Se outro pássaro canta,
o coitado não responde;
ele vai não sei pra onde,
pois quando o inverno não
vem
com o desgosto que tem
o pobrezinho se esconde.*

*H — Horroroso, feio e mau
de lá de dentro das grotas,
manda suas feias notas
o tristonho bacurau.
Canta o João corta-pau
o seu poema funério,
é muito triste o mistério
de uma seca no sertão;
a gente tem impressão
que o mundo é um cemitério.*

*I — Ilusão, prazer, amor,
a gente sente fugir,
tudo parece carpir
tristeza, saudade e dor.
Nas horas de mais calor,*

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	----------------	------	------	------------------	-----------

*se escuta pra todo lado
o toque desafinado
da gaita da seriema
acompanhando o cinema
no Nordeste flagelado.*

*J — Já falei sobre a desgraça
dos animais do Nordeste;
com a seca vem a peste
e a vida fica sem graça.
Quanto mais dia se passa
mais a dor se multiplica;
a mata que já foi rica,
de tristeza geme e chora.
Preciso dizer agora
o povo como é que fica.*

*L — Lamento desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,
mas não lucrou seu roçado.
Num banco velho, sentado,
olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente.*

*M — Minha boa companheira,
diz ele, vamos embora,
e depressa, sem demora
vende a sua cartucheira.
Vende a faca, a roçadeira,
machado, foice e facão;
vende a pobre habitação,
galinha, cabra e suíno
e viajam sem destino
em cima de um caminhão.*

*N — Naquele duro transporte
sai aquela pobre gente,
agüentando paciente*

*o rigor da triste sorte.
Levando a saudade forte
de seu povo e seu lugar,
sem um nem outro falar,
vão pensando em sua vida,
deixando a terra querida,
para nunca mais voltar.*

*O — Outro tem opinião
de deixar mãe, deixar pai,
porém para o Sul não vai,
procura outra direção.
Vai bater no Maranhão
onde nunca falta inverno;
outro com grande consterno
deixa o casebre e a mobília
e leva a sua família
pra construção do governo.*

*P - Porém lá na construção,
o seu viver é grosseiro
trabalhando o dia inteiro
de picareta na mão.
Pra sua manutenção
chegando dia mercado
em vez do seu ordenado
dentro da repartição,
recebe triste ração,
farinha e feijão furado.*

*Q — Quem quer ver o
sofrimento,
quando há seca no sertão,
procura uma construção
e entra no fornecimento.
Pois, dentro dele o alimento
que o pobre tem a comer,
a barriga pode encher,
porém falta a substância,
e com esta circunstância,
começa o povo a morrer.*

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	----------------	------	------	------------------	-----------

*R — Raquítica, pálida e doente
fica a pobre criatura
e a boca da sepultura
vai engolindo o inocente.*

*Meu Jesus! Meu Pai
Clemente,
que da humanidade é dono,
desça de seu alto trono,
da sua corte celeste
e venha ver seu Nordeste
como ele está no abandono.*

*S — Sofre o casado e o
solteiro
sofre o velho, sofre o moço,
não tem janta, nem almoço,
não tem roupa nem dinheiro.
Também sofre o fazendeiro
que de rico perde o nome,
o desgosto lhe consome,
vendo o urubu esfomeado,
puxando a pele do gado
que morreu de sede e fome.*

*T — Tudo sofre e não resiste
este fardo tão pesado,
no Nordeste flagelado
em tudo a tristeza existe.
Mas a tristeza mais triste
que faz tudo entristecer,
é a mãe chorosa, a gemer,
lágrimas dos olhos correndo,
vendo seu filho dizendo:
mamãe, eu quero morrer!*

*U — Um é ver, outro é contar
quem for reparar de perto
aquele mundo deserto,
dá vontade de chorar.
Ali só fica a teimar
o juazeiro copado,
o resto é tudo pelado*

*da chapada ao tabuleiro
onde o famoso vaqueiro
cantava tangendo o gado.*

*V — Vivendo em grande
maltrato,
a abelha zumbindo voa,
sem direção, sempre à toa,
por causa do desacato.
À procura de um regato,
de um jardim ou de um pomar
sem um momento parar,
vagando constantemente,
sem encontrar, a inocente,
uma flor para pousar.*

*X — Xexéu, pássaro que mora
na grande árvore copada,
vendo a floresta arrasada,
bate as asas, vai embora.
Somente o saguim demora,
pulando a fazer careta;
na mata tingida e preta,
tudo é aflição e pranto;
só por milagre de um santo,
se encontra uma borboleta.*

*Z — Zangado contra o sertão
dardeja o sol inclemente,
cada dia mais ardente
tostando a face do chão.
E, mostrando compaixão
lá do infinito estrelado,
pura, limpa, sem pecado
de noite a lua derrama
um banho de luz no drama
do Nordeste flagelado.*

*Posso dizer que cantei
aquilo que observei;
tenho certeza que dei*

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	----------------	------	------	------------------	-----------

*aprovada relação.
Tudo é tristeza e amargura,
indigência e desventura.*

*— Veja, leitor, quanto é dura
a seca no meu sertão.*

Os sentidos que são instaurados segundo a relação sujeito/sentido e veiculados pela linguagem, remetem ao contexto da região Nordeste e expressa o choro, a penúria da saída do homem do sertão que é obrigado a deixar a sua terra para buscar sua sobrevivência. O texto levanta elementos caracterizadores do homem do sertão que o identificam com seus valores, sua cultura.

Não podendo conceber o sujeito fora das práticas discursivas e sociais, o enxergamos neste poema como um sujeito relacionado com práticas sociais de quem vive ou viveu as agruras da seca do Nordeste. Ao elaborar o seu discurso, o sujeito-enunciador do texto o faz (re)montando outras vozes que falam da seca no sertão nordestino. Descreve todo o processo da seca com suas conseqüências nocivas ao homem do sertão. É um discurso que vem pela história cujo cenário se repete em um “discurso da seca” onde o sertão é visto pela sua degeneração, destruição expulsando o seu povo para outros lugares em busca de sobrevivência. Esse discurso se perpetua e se repete porque são valores que se cristalizaram e sustentam essas “verdades” sobre o sertão e sobre o homem nordestino num processo identitário que subjetiva o homem do nordeste. A presença da mãe-natureza no discurso surge num cantar lamurioso onde os objetos que a compõem marcam presença identitária da seca, do sofrimento, da migração, da região problema que sempre está precisando de ajuda.

Ao elaborar a sua lamúria, o sujeito ocupa seu lugar de sertanejo a cantar sua miséria, sua dor, sua religiosidade, seu culto à mãe-natureza como aquela que dá e tira. A seca é vista como a culpada pela miséria humana e miséria da natureza ressecada; elementos ratificadores de marcas identitárias em que a história colocou o Nordeste e o sertão.

O lamento, a desgraça, o sofrimento, o abandono são elementos presentes no discurso do poeta que descreve, em seus versos, a situação do sertão e do sertanejo como a (re)contar e (re)cantar o Nordeste flagelado, como reprodução de outros dizeres, outras práticas discursivas que materializam estas marcas de forma dolorosa e triste em que o mistério da seca é visto como responsável

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	----------------	------	------	------------------	-----------

por tudo: pela destruição, pelo abandono e pela migração. Para tanto recorre aos elementos da região tais como: o gado (que fica sem pasto), a cauã (que chora em agouro), a ribaçã (que foge para outro lugar em busca de sobrevivência), o camaleão (que perde a sua cor bonita da esperança), o sabiá (que da floresta foge para cantar em outro lugar deixando o sertão triste e sem canto), o bacurau (que emite um som feio e mau de tristeza), o João corta-pau (que canta o seu canto funéreo e muito triste), o camponês (que lamenta desconsolado pela destruição do seu roçado), a gente pobre (que deixa a terra querida para nunca mais voltar), o urubu esfomeado (que devora o gado que morreu de fome). Destaca o sujeito-enunciador uma paisagem seca, degradante, decadente, de sol escaldante e inclemente que deixa o sertão ardente, sem vida e em flagelo. Este é um quadro do sertão Nordestino que se reproduz como prática discursiva de um Nordeste flagelado que coloca a região em lugar de uma região e um povo que sempre está em busca de ajuda; discurso este capaz de reproduzir “verdades” consagradas, sedimentadas por outros sujeitos, ditas em outros lugares e que (re)montam uma trajetória histórico-cultural (re)montando vozes de *nordestinidade*.

O sujeito-enunciador prende-se a fazer uma descrição da seca; o texto limita-se a fazer um quadro pintado com palavras para mostrar como fica o sertão na seca e o que faz o homem do sertão deixar a sua terra, é a descrição da dor de sua partida obrigatória.

Na teia do discurso da literatura popular nordestina, se disfarçam efeitos de sentido que se historicizam e trazem uma memória institucionalizada, um “saber discursivo”, capaz de recuperar traços de marcas identitárias de significados culturais. A imagem do homem do sertão, da seca e dos retirantes, geralmente é identificada por valores ideológicos que se perpetuam por marcas identitárias que advêm do contexto sócio-histórico-cultural. Valores ideológicos que se instauram e se movimentam de um texto para outro e constroem a figura do sertão nordestino dentro de uma perspectiva de memória social em que valores sociais, culturais ou morais cristalizam conceitos advindos de um grupo social conforme seus costumes. “Saberes” que se arquivam na memória social coletiva. Traços culturais que estão na história da sociedade, em práticas que reaparecem nos discursos ditos e reditos em outros discursos intradiscursivos, enquanto discurso fundador (Orlandi, 2001).

A partir deste olhar, podemos concluir que estamos inseridos

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	-------------	------	------	---------------	-----------

em um mundo com sua história social de produções culturais e práticas sociais e, por isso, vamos aprendendo a construir modelos de referência segundo relações com este mundo logo, vamos construindo historiografia desses modelos referenciais constituindo, assim, identidade de referência.

No texto analisado, surgem enunciados, onde se esconde um eco que repercute uma formação ideológica reproduzindo valores e condutas de uma sociedade arrolada em práticas sócio-históricas. As marcas de uma formação ideológica surgem na materialidade lingüística que remetem a traços de ideologia que se encontram no dito e no não-dito.

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, P. do. *ABC do Nordeste Flagelado* in ASSARÉ, P. Cante lá que eu conto cá – filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe B. Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- ORLANDI, E. P. (Org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

DLCV	João Pessoa	V. 4	Nº 1	Jan/ Dez 2006	p 129-140
------	----------------	------	------	------------------	-----------